

A detailed wooden sculpture of a nativity scene, showing figures like the Virgin Mary, the infant Jesus in a manger, and various shepherds and animals. The sculpture is set against a warm, golden-yellow background.

Fernando LOPES-GRANÇA

Primeira Cantata de Natal

sobre Cantos Tradicionais Portugueses da Natividade
para Coro Misto a cappella

VianaVocale

Coro
da Academia
de Música
de Viana
do Castelo

Vitor Lima
direção

Fernando LOPES-GRAÇA

Primeira Cantata de Natal

sobre Cantos Tradicionais Portugueses da Natividade
para Coro Misto a cappella

1	Pastorinhas do deserto (Natal)	02'41"
2	Ó meu Menino Jesus (Natal)	01'15"
3	Do Varão nasceu a vara (Natal)	02'31"
4	Eu hei-de dar ao Menino (Natal)	03'02"
5	A lua vai tanto alta (Natal)	03'00"
6	Vinde, vinde já, ó Deus (Natal)	01'55"
7	Pela noite de Natal (Natal)	02'49"
8	Olé, rapazes pimpões (Natal)	01'34"
9	Acordai, pastorinhas (Natal)	02'00"
10	Confusa, perdida (Natal)	02'57"
11	Em Belém o Salvador (Natal)	02'15"
12	Esta noite, à meia-noite (Natal)	01'32"
13	Os pastores em Belém (Natal)	01'55"
14	Deus lhe dê cá boas noites (Janeiras)	01'36"
15	Moradoras desta casa (Janeiras)	01'10"
16	Estas casas são mui altas (Janeiras)	02'24"
17	Ó da casa, cavalheira (Reis)	02'09"
18	Partidos são de Oriente (Reis)	02'28"
19	Ai, acabadas são as festas (Reis)	01'54"

Total: 40'09"

VianaVocale

Coro
da Academia
de Música
de Viana
do Castelo

Vitor Lima
direção

Cantata é termo em uso desde os primórdios do barroco. Como *tocata*, que saíra a lume ligeiramente mais cedo, no tardo renascimento, a reboque do favor de que iam gozando os instrumentos de tecla. Quanto a *sonata* — o termo irmão que sempre vem à narrativa quando se puxa por estes assuntos e aqui figura fora da costumeira ordem — começara a fazer caminho, séculos antes, com as *sonade*¹ do *Trecento*. Tudo em Itália, claro!

Sonata e *tocata* tiveram aplicação semelhante, em seu começo: serviram para sinalizar obra votada a execução puramente instrumental. Se *tocata* (*tocada*), relevava, nesse particular, essencialmente da destreza digital (usamos os dedos — e as mãos — para *tocar* o que quer que seja, para sentir, fazer, colher informação — no caso, para a produzir); se *sonata* (*soada*), destinara-se a instrumentos *soados*, que se entendia então serem os de sopro. Esse o uso, ainda nos primórdios do barroco, em que tudo fervilhava. Nada mais natural, então, que a observação disso mesmo acabasse por suscitar em alguém a ideia de descortinar étimo de formação similar para sinalizar obra em que o canto fosse rei e senhor. E assim, de facto, aconteceu².

Curiosamente, o novo termo não se aplicaria nunca a obras destinadas a execução tão restritiva, tão acantonada quanto a que resultava da aplicação de qualquer dos outros. Isto é: *cantata* supôs sempre o recurso a instrumentos, para suporte da voz, ainda que só os realizadores dum simples *baixo continuo*. É que, tendo emergido com a evolução de géneros seduzidos pela moda da monodia acompanhada — *motete*, *madrigal* —, começou por ser, essencialmente, de solista. Fazia-lhe falta o tal suporte. De modo que, por mais de século e meio, o *baixo continuo* haveria de se tornar — por essa e por outras — mais que moda, de uso sistemático, se não obrigatório. Como a peruca.

Com o tempo, vir-se-iam a escrever, sob a designação de *cantata*, obras da mais variada feição: para solista(s), para coro, para coro e solista(s), deixando de se limitar, na componente instrumental, ao baixo contínuo, embora este continuasse por lá a definir as bases da condução harmónica; e o que terá sido, em seu começo, simples indicação para sinalizar uma importância maior da(s) parte(s) de canto, acabaria a designar um género novo, a dada altura considerado como uma miniatura de *ópera*, ainda que sem representação, ou como uma espécie de *oratório* de reduzidas dimensões.

A grande safra de cantatas sobrevivente é de assunto sacro. E o maior número destas — musicalmente também o mais relevante — vem do campo reformado, sobretudo da Alemanha e é já do século XVIII³. S6 J. S. Bach terá escrito cinco séries delas para todos os domingos do ano. Subsistiriam 197. O 'Oratório de Natal' resultou, aliás, da associação de seis, a serem executadas noutros tantos dias — do Natal à Epifania (Reis) —, 'paródias', algumas, de cantatas profanas, também da sua lavra.

Fernando Lopes-Graça (enfim, a ele chegamos), ao titular, estes cantos tradicionais portugueses da Natividade, depois de os ter 'tratado' a seu modo, e de lhes ter dado uma sequência, inscreveu o seu gesto nesse mundo de

¹ Plural de sonada = participio de sonare.

² Esse alguém admite-se geralmente que tenha sido Alessandro Grandi (Cantade et Arie a voce sola com basso continuo, sobrevivente numa reimpressão de 1620).

³ O séc. XVII fora sobretudo italiano. E Rossi e Scarlatti (Alessandro), os campeões do novo género, mas muitos outros o cultivaram abundantemente. As obras, essas eram maioritariamente profanas.

referências. Mas fê-lo com a liberdade que era seu timbre e que prezava acima de qualquer coisa. Desde logo, com ele, cantata acabou mesmo por servir para designar obra apenas cantada. E para coro *a-cappella*. Com uns solos de onde em onde — a cru, ou suportados, mas pelo coro. Depois, não vá alguém estranhar a natureza duma obra como esta no autor das *Heróicas*, em quem se não conheceu nunca qualquer inclinação ou prática religiosa, agnóstico confesso e ademais notoriamente focado no materialismo dialético, aqui se diga que o Compositor não desdenhou meter, uma que outra vez, a sua foíce na abundante seara do imaginário cristão⁴.

O processo que o conduziu à obra concreta que o cd regista pode ter amadurecido por associações de natureza vária. Profundo conhecedor da nossa música popular, enquanto investigador dela, o Compositor há-de ter sido primeiramente interpelado pela quantidade — e pela beleza e variedade — dos cantos com que o povo do seu País celebra o Natal. Terá observado depois que os textos de muitos deles admitiriam ser alinhados sequencialmente, de modo a construir uma história, de contornos irregulares, embora — rugosos, digamos, tal a imagística que povoa os portais, tímpanos e capitéis e gárgulas das igrejinhas românicas do Norte de Portugal, cujo traço apetece ver prolongado nos barros de Rosa Ramalho ou de sua neta Júlia, e de Mistério. Ou não bem uma história, mas o reflexo dela na devoção popular, traduzido em trechos onde é difícil destrinçar se anda por ali tão-só uma humaníssima ternura a embalar um recém-nascido Deus a quem se trazem prendas, as mais ingénuas — *Eu hei-de dar ao Menino / Uma fita pró chapéu...* —, se uma religiosidade por ela contaminada, de mistura com revivescências piás de episódios da narrativa de Lucas sobre o nascimento do Menino, que a tradição reteve e foi dourando, apesar da pobreza dos lugares trazidos ao relato — *'... num curral...'; '...numa estrebaria...'*; mas... *com suas portas de prata/e paredes d'oiro fino...* Quando não irrompe, presepe adentro, ruidosa, uma trupe (de campinos?)⁵ — *Olé, rapazes pimpões*, com seus *trú-lá-lás*, na vez de sapateados, e *olés* cabonde!

Cantos da magna festividade que celebra também o aconchego do lar — reflectido de algum modo, em negativo, no tal simulacro de história —, aconchego que não apetece interromper, fazia todo o sentido dar guardia, entre eles, a outros, que acrescentam festa à festa, fazendo-a entrar por Janeiro dentro. E, resultando curta, ainda assim, a duração de todo o conjunto, titulá-lo de *cantata* há-de ter parecido ao Compositor mesmo a calhar... uma inspiração caída... sabe-se lá donde. Como, por último, a abundância (e a beleza!) dos cantos pátrios da Natividade o levasse, mais adiante, a reiniciar, o recurso ao ordinal apresentou-se-lhe como uma necessidade impossível de contornar: se concluía uma segunda, a que primeiro concluía só podia chamar-se *Primeira Cantata do Natal*.

Os cantos populares, donde Fernando Lopes-Graça parte, são — já isso se escreveu — duma surpreendente variedade: melódica, rítmica, tonal/modal. Habilíssimo na detecção do menor estímulo, a todos dispensou 'tratamento' correspondente ao desafio que, um após outro, lhe foram colocando. Nenhum parece repetir procedimentos que tenham sido usados nos mais próximos. Parece! Assim, quem se debruça sobre a obra acha tudo tão natural que nem 'realiza' a hipótese de que as coisas pudessem ter-se passado de outro modo. Tudo aparenta estar no seu lugar. E, contudo, terão sido acrescidas as 'necessidades', a aguçar, no Compositor, a 'consciência' delas, quando se meteu

⁴ Mesmo em larim — católico, portanto, como nessa obra-prima da música portuguesa que é o Requiem pelas Vítimas do Fascismo em Portugal.

⁵ Mas é da Figueira da Foz a melódia original (Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, 1931).

a escrever esta *Primeira Cantata do Natal*. Com efeito, a composição da obra coincide com os primeiros anos de vida do Coro da Academia de Amadores de Música. Quer isso dizer que, a despeito de a Cantata ter acabado por ser estreada por uma secção do Coro a que os demais (os que não cabiam nela) chamavam, por graça ou por despeito, “Coro Fino”, Fernando Lopes-Graça se comediou. Sem necessitar de pôr de lado processos com que se identifica e o identificam. No fim de contas, é o seu gosto pessoal — requintadíssimo! — quem decide. A capricho. Eis alguns desses processos⁶:

- contraponto livre, sempre que o contraponto aparenta ser reclamado, ou o gosto o reclama⁷, podendo arrancar por um *bicinium* à terceira⁸ (as nossas benditas terceirinhas!), ou à quinta⁹;
- harmonia desafiante, jogando, por vezes, na equívocidade do arcaico e do novo¹⁰: *organum* à 4ª ou à 5ª. Õ harmonia por sobreposição de quartas;
- harmonia por sobreposição de quartas, paredes-meias com a tonalidade (aliás, sem parede alguma, liberto que é de peias, se não de regras, o uso da tonalidade);
- cadências que ampliam os moldes (se não fogem a eles, sem deixarem de o ser, isto é, sem deixarem de pontuar o discurso);
- notas-pedal intermédias, às vezes aos pares, em pontos estratégicos;
- quintas paralelas — e quartas e oitavas —, saborosíssimas! (mas já isso se foi dizendo, de outros modos);
- ritmo ternário convivendo com o binário¹¹;
- linhas melódicas cromatizantes (não tão frequentes, enfim, como o serão no futuro), sempre plausíveis, perscrutadoras/reveladoras do recôndito no texto¹².
- *recto tono*, sobretudo nas vozes intermédias, como parece ser de bom conselho sempre que é ele possível¹³;
- saltos bem característicos, sobretudo na linha do baixo — frequentemente propulsores da harmonia, como viu Jorge Peixinho;
- etc. etc.

Música enxuta. Modernidade e simplicidade. Conjugado cada pormenor para devolver à origem, generosamente acrescida do seu juro em valor acrescentado, a portugalidade da expressão popular.

Último elo do ciclo: um coro juvenil oriundo duma escola de música do Alto Minho, vozes frescas, afinação cuidada, envolvimento notório com a história que cantam de modo a amarrar quem ‘cai’ em começar a escutá-la.

José Luís Borges Coelho

(⁴) O autor destas notas não está d’Acordo (Ortográfico, na circunstância!).

⁶ Quando qualquer dos itens não remete para uma peça concreta, isso significa que pode topar-se um pouco por toda a obra. Quando remete, não quer dizer que se não encontre noutros pontos. / ⁷ Confusa, perdida; Partidos são de Oriente. / ⁸ Pastoriñas do deserto. / ⁹ A lua vai tanto alta. / ¹⁰ Novo, à época, ou já nem tanto assim: estava-se na segunda metade dos anos quarenta do séc. XX, no pós-guerra, por toda a parte a fever de ideias radicalmente novas. / ¹¹ Eu hei-de dar ao Menino: o binário a parir sobre um ternário obsidante — imponderável, verdadeiramente! / ¹² Como, paradigmaticamente, naquela passagem da parte de contralto de Confusa, perdida (“...em tantos enleios...”) — belíssima! —, ou em Õ da casa, cavalheira. / ¹³ Õ meu Menino Jesus.



VianaVocale

Com uma atividade regular desde 1997, o Coro *VianaVocale* da Academia de Música de Viana do Castelo conta presentemente com cerca de 80 cantores, atuando em formação sinfónica ou como grupo a cappella e interpretando, essencialmente, obras corais sinfónicas do repertório clássico e romântico, com destaque para a música sacra. Participou em projetos nacionais e internacionais de reconhecido interesse, não só em Portugal, como em Espanha e Itália. Destacam-se os concertos no XI Ciclo Ibérico de Música Sacra 2003, em Tui, no Ciclo de Música Sacra Viana 2004, em Viana do Castelo, e a participação no *Festival Giovanile di Musica Sacra Note di Spiritualità*, em 2006 e 2008, em Verona, a convite do município daquela cidade. Em junho de 2009, apresentou, em primeira audição mundial, *Músicas de Villaiana – Coros Oceânicos*, do compositor Cândido Lima, no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo. Desde outubro de 2010, tem vindo a colaborar no Festival de Outono organizado pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho. O Coro *VianaVocale* tem colaborado com a Orquestra Sinfónica Casa da Música, Orquestra de Música Antiga da ESMAE, Orquestra da Universidade do Minho, Orquestra do Algarve, Orquestra ARTAVE e Orquestra da Escola Profissional de Música de Viana do Castelo. Recentemente foi convidado a integrar um projeto de desenvolvimento da música coral, em Portugal, liderado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo maestro Paul McCreesh, tendo-se já apresentado, na Basílica de Mafra, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, no concerto de abertura da temporada de música 2023/2014, dessa Fundação.

Ao registar em edição discográfica Fernando Lopes-Graça e os seus cantos tradicionais portugueses da Natividade, *VianaVocale* presta a sua homenagem à liberdade e à cultura popular.

Vitor Lima, maestro

Iniciou os seus estudos como contratenor na Academia de Música de Viana do Castelo, com o professor Rui Taveira. Frequentou cursos de aperfeiçoamento em canto com José Oliveira Lopes, Matthias Gerchen, Max van Egmond, Lorraine Nubar, Jill Feeldman e Jakob Lindberg. Estudou direção coral, na *Association British Choral Conducting* (UK), com Peter Broadbent, Theeres Hibbard e Jo McNally.

Apresenta-se regularmente como solista ou em agrupamentos de câmara, em Portugal e no estrangeiro. Gravou para o programa Sons da História e para a etiqueta Musicália o Cancioneiro Musical d' Elvas, com o qual obteve uma excelente crítica da revista Goldberg. Nos últimos anos tem desenvolvido uma intensa atividade na área da direção coral como *vocal coach* e como maestro, dirigindo como titular o coro *VianaVocale*, desde 2001, e o Coro da Licenciatura em Música da Universidade do Minho, desde 2008.

Atualmente exerce funções docentes como assistente convidado no curso de Direção Coral, no Departamento de Música da Universidade do Minho.

Academia de Música de Viana do Castelo (AMVC)

A Academia de Música de Viana do Castelo – Conservatório Regional do Alto-Minho é uma associação criada em 1977. Integra a rede do ensino particular com autonomia pedagógica para o ensino artístico especializado da música. Considerada “pessoa coletiva de utilidade pública” tem vindo a desenvolver, paralelamente à formação, uma notória atividade de divulgação musical, com a realização sistemática de eventos de música erudita, sendo também responsável pela dinamização de projetos pioneiros, diretamente ligados à formação de públicos e à música contemporânea. Nas vertentes da criação e da interpretação promoveu mais de uma dezena de encomendas a compositores portugueses e a apresentação das suas obras, em primeira audição mundial, com financiamento do Ministério da Cultura – DGArtes. O projeto de investigação Alto-Minho 2000 Património Musical representa um outro domínio da ação desta instituição, refletindo a importância dada à cultura Portuguesa e à tradição/inação. Ao longo da sua existência, tem recebido o patrocínio do Ministério da Educação e o apoio incondicional da Santa Casa da Misericórdia desta cidade e da Câmara Municipal de Viana do Castelo, bem como do Ministério da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2002 recebeu o Prémio Instituição de Mérito atribuído pela Câmara Municipal da cidade e, em 2010, foi galardoada com o prestigiado Prémio Gulbenkian Educação.

1. PASTORINHAS DO DESERTO ^(Natal)

Pastorinhas do deserto,
É pois certo
Que na noite de natal,
Num curral,
Baixou o Filho de Deus
Lá dos Céus!

Quem nos deu tanta alegria?
Foi Maria!
E quem nos deu tanta luz?
Foi Jesus!
Onde nasceu tanto bem?
Em Belém!

Quem de Mãe tem primazia?
É Maria
Quem 'sta em palhas de feno?
É o pequeno!
Quem do pequeno é pai?
É José!

Quem à graça nos conduz?
É Jesus!
Quem fez a terra e os Céus?
Foi só Deus!
Cantemos os seus louvores,
Ó pastores!

2. Ó MEU MENINO JESUS ^(Natal)

Ó meu Menino Jesus
Da lapa do coração,
Dai-me vós alguma coisa
Que 'sta pobre o meu surrão

Ó meu Menino Jesus
Eu vos venho entregar
Esta linda pomba branca
Para o Menino brincar.

Cheguei aqui a Belém
E venho muito cansado
Oferecer este cabrito
Ao meu menino adorado.

3. DO VARÃO NASCEU A VARA ^(Natal)

Do varão nasceu a vara,
Da vara nasceu a flor,
E da Flor nasceu Maria,
De Maria o Redentor.

Glória in excelsis Deo.

Oh, que noite tão serena,
Cercada de esplendores!
Nasceu da Virgem Maria
Um ramalhete de flores.

Glória in excelsis Deo.

4. EU HEI-DE DAR AO MENINO ^(Natal)

Eu hei-de dar ao Menino
Uma fita,
Uma fita pró chapéu;
Também Ele nos há-de dar
Um lugar,
Um lugarzinho no Céu.

Coro

Não façam bulha
Ao Deus-Menino,
Não o acordeis,
Que está dormindo – bis
Em vez de o bridar
Com algum mimo,
Deêm-lhe leite,
Que é pequenino. – bis

Eu hei-de dar ao Menino
Ao Menino,
Ao Menino hei-de dar,
Camisinha de Bretnha
Nesta noite,
Nesta noite de Natal

Coro

Não façam bulha
etc.

5. A LUA VAI TANTO ALTA ^(Natal)

A lua vai tanto alta
Como o sol ao meio-dia;
Mais alta ia a senhora
Quando p'ra Belém corria.
São José ia atrás dela,
Nem alcançá-la podia;
Quando chegou a alcançá-la
Já o seu Menino nascia.
São José foi para o céu,
Os anjos lhe perguntaram:
- Como ficou lá Maria?
Como rainha a trataram?
- Respondeu-lhes São José,
Cantando Avé Maria.

- Maria lá ficou bem:
Ficou numa estrebaria,
Com suas portas de prata
E paredes de ouro fino. -
Quem seria o lavrador
Que tais jóias lavraria?
Era o Menino Jesus,
Filha da Virgem Maria.

6. VINDE, VINDE JÁ, Ó DEUS (Natal)

Vinde, vinde já, ó Deus,
Filho da Virgem Maria.

Em vosso louvor cantemos
Ao seu filho de alegria

Os anjos o acompanham;
O nosso cura

Lá traz na sua mão
A divina formosura.

7. PELA NOITE DE NATAL (Natal)

Pela noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vai José, ^{bis}
Caminhando vai Maria.

Ambos os dois para Belém,
Mais de noite que de dia,
E chegaram a Belém

Já toda a gente dormia. ^{bis}
– Abri a porta porteiro,
Porteiro da portaria! –

Não deu resposta o porteiro
Porque também já dormia ^{bis}
Só encontraram pousada

Dentro duma estrebaria;
Ali ficaram os dois ^{bis}
Até ao romper do dia.

8. OLÉ RAPAZES PIMPÕES (Natal)

Trá lá lá,
Trá lá lá,
Trá lá lá.

Olé, rapazes pimpões,
Cantemos à desgarrada,

Para alegrar o Menino,
Mai-la sua Mãe sagrada.

Mai-la sua Mãe sagrada.
Acabaste de cantar;
Lembraste bem, ó rapaz,
Atrás não hei-de ficar.

Atrás não hei-de ficar,
Não decerto a ninguém,
Faria triste figura
Junto à lapa de Belém.

Junto à lapa de Belém
Grande alegria tivemos,
Vamos prós nossos casais
Gabar-nos do que fizemos.

Trá lá lá,
Trá lá lá,
Trá lá lá.

9. ACORDAI PASTORINHOS (Natal)

Acordai, pastorinhas,
Vinde a Belém,
Achareis o Menino
Nos Braços da Mãe.

Coro
Maria, Maria,
Sois mar de grandeza;
Maria, Maria,
Sois mar de pureza.

Ó Jesus, Deus-Menino
Jesus Salvador,
Ó Jesus Deus-Menino,
Jesus Redentor.

Coro
Maria, Maria
etc.

10. CONFUSA PERDIDA (Natal)

Confusa, perdida.
Sem alma, sem vida,
Remédio aos meus males
Onde o acharia?

Sozinha nos bosques,
Se um anjo me guia,
Em tantos enleios
Alívio teria.

Ai triste pastora,
Neste ermo sozinha,
Que os anjos me ensinem
Onde é a lapinha.

Mas ai, que eu não posso
Mais longe seguir...
Velai o meu sono,
Deixai-me dormir...

** As duas últimas quadras são estraidas do
Auto da pastora perdida e da Velha gaiteira,
de Santiago Prezado.*

11. EM BELÉM, O SALVADOR (Natal)

Em Belém, o Salvador,
Agora mesmo nasceu:

Coro
É nosso Rei e Senhor,
Que do alto céu desceu.

Na cidade de Belém
Meia-noite estava a dar,

Coro
Quando nasceu o Menino,
Antes do galo cantar.

12. ESTA NOITE, À MEIA-NOITE (Natal)

Esta noite, à meia-noite,
Ouvi cantar ao divino:
Eram os anjos do céu
A embalar o Menino.

O menino está na neve,
O frio o faz tremer;
Ó meu menino Jesus
Quem vos pudera valer!

13. OS PASTORINHOS, EM BELÉM (Natal)

Lá lá lá,
Lá lá lá lá.

Os pastores, em Belém,
Todos juntos vão à lenha,
Para aquecer o Deus-Menino
Que nasceu na noite boina.

Vamos a Belém
A Belém, a Belénzinho,
Vamos a Belém
A adorar o Deus-Menino.

Lá lá lá,
Lá lá lá lá.

Pastores que andais à lenha,
Não queimais o rosmaninho,
Que é donde a Virgem estendia
Os cueiros do Menino.

Vamos a Belém,
etc...

Lá lá lá,
Lá lá lá lá.
etc...

14. DEUS LHE DÊ CÁ BOAS NOITES (Janeiras)

Deus lhe dê cá boas noites,
Boas noites de alegria,
Que lhas manda o Rei da Glória,
Filho da Virgem Maria.

Coro
Deus lhe dê cá boas noites,
etc...

Inda agora aqui cheguei,
Logo puz o pé na escada,
Logo o meu coração disse:
Aqui mora gente honrada.

Coro
Inda agora aqui cheguei,
Etc..

15. MORADORAS DESTA CASA (Janeiras)

Moradoras desta casa,
Aqueles que são casadas, – bis
Ouvi os nossos descantes,
Vinde-nos dar janeiradas, – bis

Moradores desta casa,
Aqueles que são solteiras, – bis
Ouvi os nossos descantes,
Vinde-nos dar as janeiras – bis

16. ESTAS CASAS SÃO MUI ALTAS (Janeiras)

Estas casas são mui altas,
Mui altas,
Forradinhas de alegria. – bis
Viva quem nelas passeia,
Passeia,
Que é a senhora Maria. – bis

Estas casas são mui altas,
Mui altas
Mas não lhes chegamos nós. – bis
Viva quem nelas passeia,
Passeia,
Quem 'stá fazer as filhós. – bis

17. **Ó DA CASA, CAVALHEIRA** (Reis)

Ó da casa, cavalheira,
Escutareis e ouvireis

Coro (bis)
Duas meninas donzelas
Que vos vêm pedir os Reis.

Coro (bis)
Estes Reis são aliadas
A uma estrela da Guia;

Coro (bis)
A estrelinha se escondeu
Aos pés da Virgem Maria.

Coro (bis)

18. **PARTIDOS SÃO DE ORIENTE** (Reis)

Partidos são de Oriente. – bis
Três Reis que vão adorar – bis
O Jesus omnipotente – bis
Com devoção singular. – bis

Guiados por uma estrela. – bis
Vieram ter a Belém, – bis
Onde estava o Rei do Mundo – bis
Que nasceu pra nosso bem. – bis

19. **AI, ACABADAS SÃO AS FESTAS** (Reis)

Ai, acabadas são as Festas
Ai, chegados são os três Reis,
Ai, olhem lá por suas casas
Se há alguma coisa que deis.

Ai, senhora que estais ao lume,
Ai, assentada na cortiça,
Ai, levantai-vos, ó senhora,
Vinde-nos dar a choiriça.

Ai, cá esperamos confiados
Ai, que a esmola nos dareis.
Ai, quer a deis, quer a deis,
Sempre vós ao céu ireis.

Ai, acabadas são as Festas!

Gravado por *Fernando Rocha* (Estúdios Numérica), no
"Auditório da Escola Secundaria de Santa Maria Maior"
Rua Manuel Fiúza Júnior
4901-872 Viana do Castelo
Portugal

Produção musical: Dimitris Andrikopoulos



numérica
Produções Multimédia, Lda.

Rua do Barroso, 673
4536-906 Paços de Brandão | Portugal
T. +351 227459061 | F. +351 227459062
www.numerica-multimedia.pt